

PROJETO PINHOLE – FOTOGRAFIA NA LATA: RIBEIRÃO PRETO ATRAVÉS DO OLHAR DE JOVENS DE UMA ESCOLA SOCIAL

Marcos Acácio Neli¹

Karla Goulart²

Victor Giorgi³

Rafael Gila Gomes⁴

Liliane Domeneghi⁵

Resumo

O presente trabalho relata a experiência vivenciada por educadores e educandos do Ensino Médio da Escola Social Marista Ir. Rui, situada na cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo. As ações fizeram parte do Projeto *Pinhole – Fotografia na Lata*, que teve por objetivo o desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico nos educandos ao registrarem realidades discrepantes, tanto socioeconômicas quanto ambientais em determinadas regiões da cidade. O retrato das desigualdades socioambientais registradas pelos educandos, suscitou diversas discussões problematizando as causas da degradação de espaços públicos, bem como o levantamento de possíveis ações para a transformação de algumas realidades, em especial, a população em vulnerabilidade social. Aliando os conteúdos pedagógicos das diferentes áreas do conhecimento, tais como História, Geografia, Sociologia e Ciências, o projeto possibilitou a visão sistêmica das ciências, favorecendo o trabalho interdisciplinar, o qual contribuiu para o processo de formação integral e humanizada dos educandos, formando cidadãos críticos e conscientes.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Justiça Ambiental; Diferenciação socioespacial; Distinção Social; Ensino Médio.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UNESP. Instituição: Escola Social Ir. Rui. E-mail: marcos.neli@grupomarista.org.br. Telefone: (16) 98822-6730.

² Doutora em Microbiologia Agropecuária pela UNESP. Instituição: Escola Social I. Rui. E-mail: karlacsoulart@gmail.com. (16) 99154-0028.

³ Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Instituição: Escola Social Ir. Rui. E-mail: victor.giorgi@grupomarista.org.br. (16) 99283-7236.

⁴ Mestre em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Instituição: Escola Social Ir. Rui. E-mail: rgilagomes@gmail.com. (16) 99992-3900.

⁵ Mestra em Educação pela UNESP. Instituição: Colégio Pedro II. E-mail: liliane_samira@hotmail.com. (16) 99154-0028.

PINHOLE PHOTOGRAPHY: RIBEIRÃO PRETO THROUGH THE POINT OF VIEW OF YOUNG PEOPLE FROM A SOCIAL SCHOOL

Abstract

The present work reports the experience of educators and high school students of the “Escola Social Marista Irmão Rui”, located in the city of Ribeirão Preto, interior of the State of São Paulo. The actions were part of the “Pinhole Project”, which aimed to develop reflective and critical thinking in students by recording disparate realities, both socioeconomic and environmental in certain regions of the city. The picture of socio-environmental inequalities registered by the students raised several discussions problematizing the causes of the degradation of public spaces, as well as the survey of possible actions to transform some realities, especially the population who is in social vulnerability. Combining the pedagogical contents of the different areas of knowledge, such as Human Science and Nature Science. The project enabled the systemic view of the sciences, favoring interdisciplinary work, which contributed to the process of integral and humanized education of students, forming citizens critical and aware.

Keywords: Environmental Education; Environmental Justice; Socio-spatial differentiation; Social Distinction; High school.

Introdução

O projeto *Pinhole*⁶ – *Fotografia na lata* foi desenvolvido por educadores e educandos da Escola Social Marista Ir. Rui, de Ribeirão Preto – SP, que atende, por meio de uma política filantrópica, adolescentes e jovens do Complexo Parque Ribeirão, englobando uma série de bairros periféricos do município ribeirão-pretano, tais como: Jardim Progresso, Jardim Maria da Graça, Parque Ribeirão, Jardim Marchesi, Monte Carlo, entre outros. Os educandos que participaram do projeto cursavam o Ensino Médio, nos períodos matutino e noturno no ano de 2017.

O perfil socioeconômico do complexo de bairros que compõe a população do entorno escolar é de classe baixa. O bairro em que são atendidos grande parte dos alunos da Escola Social surgiu através de um movimento de ocupação de área pública no final da década de 1990 por imigrantes oriundos das regiões norte e nordeste do país atraídos, principalmente, pelo crescimento do agronegócio sucroalcooleiro que prometia melhores condições de sobrevivência. Desta forma, a partir das questões específicas de sobrevivência da população que pertence ao complexo de bairros, que contou no censo de 2010 com uma população estimada em 85 mil pessoas, os alunos foram convidados a refletir e a pesquisar as contradições que se fazem presentes no município. Importante salientar que a renda média do município no censo de 2010 foi de R\$ 1314,04, enquanto a renda média *per capita* dos alunos atendidos ficou abaixo de R\$ 404.

O objetivo central foi problematizar as diferentes realidades socioeconômicas e ambientais existentes nos espaços da cidade, estabelecendo uma comparação entre a comunidade periférica onde os educandos vivem e as regiões chamadas “áreas nobres”. Além disso, os educandos realizaram um percurso pelo centro do município, onde estão localizados diversos monumentos históricos, como o Theatro Pedro II, o Edifício Meira Junior, o Centro

⁶ *Pinhole* deriva do conceito que prevê a construção de uma máquina fotográfica a partir de material alternativo, como latas, caixas, entre outros.

Cultural Palace, entre outros. Conforme se deparavam com as realidades urbanas, os educandos realizaram o registro fotográfico por meio da técnica denominada *Pinhole*.

O urbanismo, o processo de formação de Ribeirão Preto⁷ e seu recente “boom” demográfico/espacial, contribuiu para a degradação ambiental observada na cidade. Ao término do projeto, houve uma exposição das produções dos educandos, que demonstraram bastante sensibilidade ao perceberem as contradições socioeconômicas existentes na cidade.

Antes de adentrarmos, de fato, nos processos de realização e conclusão do projeto, acreditamos ser imprescindível apresentar os temas que serviram de base para o seu delineamento, a começar pela questão da interdisciplinaridade na produção e socialização do conhecimento, que se afigura como uma das principais preocupações vinculadas à educação na contemporaneidade, estando no centro de nossas intenções pedagógicas.

Embora existam várias acepções para o conceito em questão, partimos da visão de que a interdisciplinaridade surge como maneira de romper com o paradigma epistemológico positivista, caracterizado pela extrema fragmentação das ciências em muitos ramos, reclamando a necessidade de se recuperar o caráter de unidade, síntese, de totalidade e integração dos saberes. Nesse sentido, Jiapiassú (1976) ressalta que:

[...] A nosso ver, foi uma filosofia das ciências, mais precisamente, o positivismo, que constituiu o grande veículo e o suporte fundamental dos obstáculos epistemológicos ao conhecimento interdisciplinar, porque nenhuma outra filosofia estruturou tanto quanto ela as relações dos cientistas com suas práticas. E sabemos o quanto esta estruturação foi marcada pela compartimentação das disciplinas, em nome de uma exigência metodológica de demarcação de cada objeto particular, constituindo a propriedade privada desta ou daquela disciplina. (JIAPASSÚ, 1976, p. 96-7).

Em seguida, o autor relewa que um empreendimento verdadeiramente interdisciplinar deve conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, obtendo de empréstimo das disciplinas, instrumentos e técnicas metodológicas, bem como esquemas conceituais e análises encontradas nos diversos ramos do saber, de modo a garantir uma plena convergência entre elas. Em outras palavras:

[...] poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que

⁷ Ribeirão Preto dista 315km da capital paulista, apresentando uma população estimada em 694.534. De acordo com o último Censo, realizado em 2010, o município em questão apresentou um dos mais significativos crescimentos nacionais entre as cidades de grande porte. Tal fato está vinculado ao crescimento do agronegócio na região, que atraiu migrantes, notadamente da região Nordeste. Diversos bairros do Complexo Parque Ribeirão surgiram nesse contexto, sendo que alguns tiveram sua origem na ocupação de áreas desabitadas, o que resulta em problemas diversos (redes de água e esgoto, mobilidade urbana, segurança, entre outros).

havia sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a elas seu caráter propriamente positivo segundo modos particulares e com resultados específicos. (JIAPASSÚ, 1976, p.75).

Sendo assim, ao longo de todo o processo de desenvolvimento e efetivação do projeto, procuramos estabelecer um trabalho legitimamente interdisciplinar, lançando mão do arcabouço teórico e metodológico de todas as áreas do saber, de modo a demonstrar aos educandos a articulação do conhecimento produzido pela humanidade. Como exemplo, ao apresentarmos o funcionamento de uma câmera fotográfica, demonstramos o processo que permitiu a sua invenção através de um enfoque que ligou conteúdos e conceitos da Física (compreensão da dinâmica da refração da luz e da possibilidade de impressão das fotografias através da incidência solar); Química (processo de confecção das soluções reveladora e fixadora da fotografia, trabalhando conceitos de transformações químicas a partir de interações intermoleculares); História (rupturas na forma com que os humanos representam o mundo); Sociologia (representação ideológica e política dos monumentos fotografados pelos educandos); Geografia (espaço urbano e modificação do ambiente pelo homem), de Artes (técnicas de enquadramento, luz, contraste), Biologia (impactos socioambientais devido a ocupação de terras de forma inadequada), entre outros.

Levando em consideração a pedagogia de projetos, delineamos o trabalho explorando elementos essenciais elencados por Fernando Hernández (1998) na vertente de ensino-aprendizagem, os quais se apresentam na forma de “visões”. Primeiramente, como ressalta o autor, uma visão política, relacionada à noção de democracia radical, deve ser incentivada pelos educadores junto aos educandos no momento do desenvolvimento de um projeto, para que estes tornem-se aptos na tomada de decisões e assumam responsabilidades. Em segundo lugar, uma visão educativa precisa aflorar entre os membros da comunidade escolar, para que dê forma a uma aprendizagem aberta, pautada no compartilhamento de conhecimentos entre todos e onde a investigação sobre o real adquire uma importância fundamental. Além disso, a pedagogia de projetos deve estar circunscrita a uma visão curricular, a qual se lança a um currículo integrado de caráter verdadeiramente interdisciplinar, e que seja reflexo de um diálogo constante com a sociedade e com as transformações operadas em seu interior. Hernández (1998) destaca a importância do despertar de uma visão de conhecimento, vinculada ao desejo de aprender com todos os agentes do processo educativo, que incida

sobre a complexidade dos saberes, e que desperte a busca pelo aprendizado dentro e fora do espaço escolar.

As recentes discussões acerca da degradação ambiental em diferentes países e contextos socioeconômicos e políticos, trazem situações que contribuem para a constatação, de que vivemos hoje uma “crise ambiental”, a qual simultaneamente se constitui também como “crise de civilização” e “crise do conhecimento”, como menciona Leff (2002):

[...] A crise ambiental é a crise do nosso tempo. O risco ecológico questiona o conhecimento do mundo. Essa crise apresenta-se a nós com um limite no real, que ressignifica e reorienta o curso da história: limite do crescimento econômico e populacional; limite dos desequilíbrios ecológicos das capacidades de sustentação da vida; limite da pobreza e da desigualdade social. Mas, também crise do pensamento ocidental: da “determinação metafísica” que, ao pensar o ser como ente, abriu o caminho para a racionalidade científica e instrumental que produziu a modernidade como uma ordem coisificada e fragmentada, como formas de domínio e controle sobre o mundo. Por isso, a crise ambiental é acima de tudo um problema de conhecimento. (LEFF, 2002, p.191).

Cumprido destacar, no entanto, que a origem dessas crises pode ser encontrada na emergência do modo capitalista de produção. Em consonância com esta ideia, Foladori (1999) aponta a produção mercantil como o ponto de partida para a análise da crise ambiental, pois:

[...] enquanto a produção pré-capitalista, de valores de uso, tem seu limite na satisfação das necessidades; a produção mercantil, para incrementar o lucro, não tem limite algum. Esta diferença, tão sensível e geral, está na base do esgotamento dos recursos naturais a um ritmo nunca suspeitado na história da humanidade (FOLADORI, 1999, p.8).

Em trabalhos mais recentes, alguns autores vêm destacando que as situações de degradação ambiental não ocorrem à parte dos tantos problemas gerados pelo modo de produção capitalista. Acselrad (2010), ao discorrer sobre a justiça ambiental, enfatiza que são desiguais também as situações de penalização ambiental entre pobres e ricos. Segundo o autor:

[...] A estratégia ancorada na noção de justiça ambiental, por sua vez, identifica a desigual exposição ao risco como resultado de uma lógica que faz que a acumulação de riqueza se realize tendo por base a penalização ambiental dos mais despossuídos. A operação dessa lógica estaria associada ao funcionamento do mercado de terras, cuja “ação de coordenação” faz que práticas danosas se situem em áreas desvalorizadas, assim como à ausência de políticas que limitem a ação desse mercado (ACSELRAD, 2010, p.110).

Nesta perspectiva, o modo pelo qual as sociedades vêm se estruturando no interior

do sistema capitalista cria um quadro de desigualdade socioambiental, dividida em classes que ganham com a degradação e outras que pagam os custos ambientais (ACSELRAD, 2010). Nesse panorama, e ciente de seus limites e possibilidades, a educação ambiental (EA) figura como um importante instrumento para o enfrentamento da crise ambiental, visto que é inconcebível qualquer ação que vise a transformação da realidade socioambiental sem sua contribuição. Vale ressaltar aqui a nossa opção por uma EA emancipatória (LOUREIRO, 2012), chamando a atenção para a necessidade da busca de soluções “para além do desenvolvimento econômico, do aparato tecnológico e de mudanças comportamentalistas” (LOUREIRO, 2012, p.49). Nesta vertente, a EA se consolida por meio da ação democrática, participativa, procurando questionar o padrão societário e o paradigma científico hegemônicos, levando em consideração o caráter específico e temporal dos sujeitos.

Uma das formas de implementar a EA no contexto escolar é por meio de desenvolvimento de projetos. Uma vez que as questões ambientais, como já mencionado, estão em evidência, educandos e educadores possuem discursos e práticas repleto de concepções, crenças e sentidos elaborados a partir das informações que recebemos. Tais práticas e discursos podem estar também atrelados à realidade socioambiental local, que caracteriza o contexto. Diante disso, ressalta-se a importância de que os projetos possam problematizar as questões socioambientais locais, discutindo-as posteriormente numa perspectiva local-global, uma vez que situações de penalização ambiental estão ocorrendo constantemente no nosso planeta.

Sob outro prisma, outra questão de suma importância para a idealização do projeto gira em torno do recente aprofundamento das disparidades socioeconômicas e espaciais em Ribeirão Preto. Assim como destaca Gomes (2011), autor do artigo intitulado *Produção do espaço, valorização diferencial do solo e desigualdade socioespacial urbana em Ribeirão Preto – SP*, a cidade em questão passou, a partir da década de 1990, por um processo de expansão urbana e efervescência do mercado imobiliário de médio e alto padrão, sobretudo no setor Sul-sudeste. Neste contexto, o autor enfatiza que uma série de loteamentos/condomínios horizontais e verticais foram estabelecidos, apresentando atrativos em forma de avenidas largas e arborizadas, áreas de esporte e lazer, sistemas de segurança, entre outros, direcionados a compradores/moradores com elevado poder aquisitivo, e diferenciados, do

ponto de vista urbanístico, por serem arrojados e modernos.

Ao longo deste processo, foram construídos, igualmente, shoppings centers, estabelecimentos e serviços especializados, parques públicos, entre outros, constituindo-se, de acordo com a ótica do autor, como aparatos públicos e privados para a valorização imobiliária deste setor, tornando evidente sua discrepância com bairros situados em áreas periféricas de Ribeirão Preto:

[...] Esse eixo de crescimento urbano, que se consolida pela presença de condomínios residenciais de luxo, murados ou não, e pela paisagem marcante de um “ambiente esteticamente agradável”, contrasta com a periferia pobre que se espalha pelos outros setores da cidade, culminando, ao mesmo tempo, no crescimento dos bairros populares (GOMES, 2011, p.60).

Em consonância com os elementos acima apresentados, é importante destacar que, na realidade brasileira e de muitos outros países, a cidade manifesta, através das desigualdades espaciais, a própria divisão social e territorial do trabalho, apresentando concentração de renda e disseminação da pobreza. Como afirma Rodrigues (1988), o espaço urbano é o lugar privilegiado da acumulação de capital, da concentração de indústrias, estabelecimentos comerciais, serviços, equipamentos, entre outros, e, desta forma, expressa os conflitos, as lutas e os antagonismos entre as classes. Tendo em vista a produção deste espaço urbano “exclusivo” e, por consequência, excludente, em Ribeirão Preto (cuja própria trajetória histórica aponta para o constante choque de interesses entre as elites e o restante da população local), o objetivo desse artigo, portanto, é relatar as práticas do projeto *Pinhole – Fotografia na lata*, que intentaram fomentar reflexões entre os educandos sobre as causas, consequências e possíveis soluções para os flagrantes problemas do município e, mais especificamente, de seus territórios.

Metodologia

Levando em consideração a importância da escuta e da partilha de saberes, compreendemos que a primeira etapa do projeto deveria ser pautada na apresentação de nossa proposta aos educandos, para que estes pudessem se manifestar, trazendo informações, emitindo opiniões, entre outros. De modo geral, pudemos aferir que os estudantes se mostraram animados com nossas ideias e, desta forma, coletivamente “desenhamos” as etapas do projeto que seriam percorridas nos meses subsequentes, criando um cronograma de atividades.

Antecedendo as principais atividades do projeto, uma das primeiras etapas

desenvolvidas foi a instrumentalização dos educandos para construção de suas próprias imagens, utilizando as câmeras fotográficas de seus aparelhos celulares. Dentro deste contexto, foi trabalhado, simultaneamente, a história da fotografia, bem como os processos de construção desta linguagem artística. A contribuição desta etapa do projeto corrobora com a evolução da fotografia, sua importância histórica, bem como seu uso para fins de análises político/econômicas observadas nas diferentes realidades sociais.

Os educandos foram orientados a fotografar bairros distintos da cidade de Ribeirão Preto (sendo um deles o território onde residem), de modo a captar as diferentes realidades socioeconômicas e ambientais observadas. Para isso, saíram às ruas e fotografaram locais como praças, ruas, casas, prédios, entre outros. Como meio de encerrar esta primeira etapa do projeto, os educandos organizaram suas fotos e apresentaram seminários, onde foram analisados os contrastes urbanos revelados pelas imagens e redigiram relatórios sobre suas experiências a campo.

Em seguida, os estudantes visitaram o centro histórico de Ribeirão Preto para registrar parte dos principais monumentos da cidade através da técnica do *Pinhole*. A técnica consiste em um processo de fotografia rudimentar, que utiliza uma lata com um pequeno furo que, direcionado a um objeto e com um filme fotográfico posicionado logo em frente ao orifício, imprime uma foto no filme fotográfico. Assim, a fotografia ocorre com a passagem da luz sob esse furo (*hole*) de alfinete (*pin*) e que gera a imagem de forma invertida no papel filmico depositado no fundo da lata e em frente à lente. O papel fotográfico que forma imagens em preto e branco é formado basicamente de duas camadas: uma de gelatina transparente contendo grãos de sais de prata sobre, e outra de papel. Ao levar o papel fotográfico para o laboratório e revelá-lo, através da utilização de produtos químicos específicos, os grãos de prata, sensibilizados pela luz, sofrem uma reação química e se tornam prata metálica de cor preta. Assim, os pontos onde se verificou maior exposição de luz ficaram escuros, enquanto que os lugares onde não se notou a recepção de luz alguma permaneceram claros. Tendo isso em vista pode-se entender porque a imagem formada é negativa. A sua fácil confecção, bem como seu baixo custo, a torna um excelente meio para a experimentação da fotografia, permitindo expressões artísticas e formas de atuação sobre as imagens. Ao realizarmos esta atividade, propomos a problematização do contexto histórico, político/ideológico, econômico e social das

edificações históricas e, simultaneamente, a apropriação, por parte dos educandos, de questões vinculadas ao processo de urbanização e modificação do ambiente pelo ser humano.

A culminância do projeto ocorreu em uma exposição das fotografias *pinhole* já reveladas, a qual foi guiada pelos próprios educandos. O encerramento foi entremeado por uma série de discussões em sala de aula, concebidas como instrumentais avaliativos, e que demonstraram, de modo geral, o satisfatório resultado de nossas intenções.

O processo de implementação do projeto

Inicialmente, os educandos relataram certo constrangimento ao saírem às ruas para realizar os registros fotográficos. Contudo, conforme aderiram à proposta, compreendendo o real sentido da prática, os estudantes relataram o surgimento de algumas angústias. As provocações e reflexões ajudaram na sedimentação de determinados assuntos previamente trabalhados em sala de aula e, por meio de diálogos e proposições, tornou-se latente as disparidades em diferentes regiões. As apresentações realizadas pelos educandos, possibilitaram algumas discussões acerca da problemática socioambiental em uma perspectiva crítica, já que a percepção da desigualdade foi fortemente evidenciada nas fotografias, conforme demonstrado nas figuras (que se encontram em anexo ao final deste trabalho) e no relatório de uma educanda reproduzido abaixo:

Fonte 1 – Relatório de uma educanda com base nas experiências do projeto

“De um lado temos um bairro de classe média, porém, bem cuidado pela prefeitura e o condomínio em si. Do outro, temos um bairro de classe média/baixa onde se tem um descaso com o morador que vive nessas redondezas. Além de problemas de invasão de sem-teto, problemas asfálticos e fiação caída, ainda se lida com entulhos e animais peçonhentos. O descaso é grave! Porque poderia, sim, ter árvores, calçada cimentada e um asfalto digno, além de que poderia ser área de lazer já que o muro pega metade do bairro e com a colocação de bancos e plantas seria um espaço agradável já que não temos isso. O máximo que a prefeitura faz é tirar o excesso de lixo, mas logo depois se enche novamente enquanto o muro do Condomínio Quinta da Boa Vista tem até câmeras para que isso não ocorra e porque no Jd. Progresso onde o muro é realmente dentro, não pode ter essa mesma vigilância? A solução seria a limpeza diária da prefeitura ou condomínio, árvores implantadas, bancos para lazer e asfalto com qualidade nesse lugar”.

Durante as apresentações e momentos de debate, alguns educandos se mostraram profundamente impactados com a constatação das desigualdades socioeconômica e ambiental em uma mesma cidade. Nas reflexões, por diversas vezes, foi mencionado o

termo “injustiça” para designar o que foi registrado nas fotografias, uma vez que os bairros nos quais reside a parcela mais rica da população da cidade estão sempre limpos, têm suas praças bem cuidadas, farta arborização, enquanto que nos bairros onde reside a população mais pobre o que se apresenta é um quadro de abandono pelo poder público, uma vez que suas ruas e avenidas estão repletas de lixo e entulho, provenientes de várias partes da cidade e de diferentes atividades, além da falta de arborização e saneamento básico em alguns pontos. A mediação dos educadores durante este processo contribuiu para o rompimento com alguns reducionismos, fazendo-os refletir sobre a problemática socioambiental numa perspectiva crítica e emancipatória, de participação política, cuja solução não está desvinculada das questões e reflexões acerca de um novo modelo societário e de transformação da realidade (LOUREIRO, 2012).

Sob outro prisma, embora os educandos tenham apreendido as enormes discrepâncias socioeconômicas e espaciais entre os bairros por eles visitados, pudemos notar um interessante (e incentivado) movimento no sentido de valorizar e reconhecer pontos positivos de suas próprias comunidades, onde estão inseridos enquanto estudantes, moradores, trabalhadores, entre outros. Por exemplo, muitos enfatizaram que os bairros elitizados são “vazios”, referindo-se ao fato de que não há muitos transeuntes, e que parece que os vizinhos mal se conhecessem, enquanto os lugares onde vivem são dinâmicos, repletos de vida, de brincadeiras de rua e de relações de ajuda mútua.

Levando em consideração, por sua vez, a etapa da produção das fotografias em *pinhole*, tornou-se evidente aos educadores, enquanto mediadores da atividade, que parte considerável dos educandos jamais tinham visitado a região central da cidade, desconhecendo os monumentos/patrimônios existentes. Outros afirmaram ter passado pelas edificações sem ter suas atenções despertadas. Tendo isso em vista, conforme os estudantes planejavam o registro fotográfico, os educadores explicaram o processo histórico de formação do quadrilátero central de Ribeirão Preto, bem como a construção do Quarteirão Paulista⁸, que engloba o Palace Hotel (hoje, um centro cultural), o Theatro Pedro II e o Edifício Meira Júnior (que abriga, na

⁸ O Quarteirão Paulista foi construído com o dinheiro da Cervejaria Paulista, cujos proprietários e acionistas (membros da elite ribeirão-pretana, como José Rossi, Antonio Pagano e João Alves Meira Junior) buscavam reinvestir os lucros da companhia fazendo aquisições ou idealizando imóveis, com a suposta pretensão de dinamizar a cidade, em contrapartida à Companhia Antártica (sua principal concorrente), que escoava parte significativa de seus rendimentos para a matriz situada na capital do estado. De todo modo, deve-se deixar claro que tais obras não tinham por objetivo democratizar o acesso aos espaços urbanos, mas ampliar as possibilidades de entretenimento/lazer dos indivíduos mais abastados.

atualidade, a conhecida Choperia Pinguim); do Edifício Diederichsen (um dos primeiros do interior do estado e expoente da *Art Déco*), o monumento ao Soldado Constitucionalista, entre outros.

Neste processo, os educadores demonstraram curiosidade pelo que os educandos fotografavam, questionando, por exemplo, o motivo da choperia “Pinguim” (“cartão postal” do município) é frequentado, de modo geral, por uma minoria de indivíduos membros das camadas mais abastadas da sociedade, além dos interesses políticos ligados à construção das obras. Deste modo, foi possível demonstrar que as construções em questão não estão desvinculadas de uma série de dinâmicas atreladas à distinção social (na medida em que foram idealizados para servir a uma parcela minoritária da população local) e lutas pelo controle de narrativas sobre o passado (por exemplo, reforçar um olhar positivo sobre a Revolução Constitucionalista de 1932).

Ademais, o evidente contraste entre os monumentos históricos e as construções recentes da região central da cidade, contribuiu para o despontar de uma série de reflexões acerca da capacidade humana de constantemente transformar os espaços geográficos. As diferenças arquitetônicas entre as obras do presente e do passado também chamaram a atenção dos educandos, tendo assinalado gostar mais do estilo eclético do Quarteirão Paulista, que possui, dentre outras, características neoclássicas (demonstrando as claras influências europeias sobre as elites locais), o que abriu caminho para a introdução de assuntos ligados às Artes e à Filosofia, como a questão da estética.

Finalmente, após a revelação das fotografias em um laboratório da Universidade de São Paulo, as produções dos educandos foram trazidas à Escola Social, sendo este, um momento de êxito do projeto. Os educandos vibraram ao ver o resultado do trabalho, percebendo quais fotos ficaram boas, permitindo-lhes apreender, de modo prático, o status da fotografia como arte e as dificuldades encontradas pelos profissionais antes da era das câmeras digitais. Desta forma, iniciamos a montagem da exposição e realizamos as últimas discussões sobre o projeto.

Considerações Finais

Este artigo, concebido como relato de experiência, foi constituído como meio de divulgar o projeto *Pinhole – Fotografia na lata*, no qual, através de uma perspectiva crítica

e emancipatória, intentamos fomentar discussões vinculadas às crescentes disparidades socioambientais, econômicas e espaciais existentes no município de Ribeirão Preto, de modo a tornar inteligível para os educandos as tensões e contradições existentes no recente processo de expansão urbano da cidade, onde determinados zonas/bairros são imbuídos de uma significação superior em detrimento de outros, os quais, em seu turno, permanecem completamente abandonados. Para isso, utilizamos como importante instrumento a fotografia, capaz de representar os olhares dos estudantes acerca daquilo que mais lhes tocava. Ademais, procuramos apresentar, a partir da técnica do *pinhole*, o processo de formação do centro histórico da cidade e seus principais monumentos, de modo a trazer à baila uma série de reflexões concatenadas aos componentes curriculares.

Os resultados possibilitaram uma integração de saberes que se complementam, contribuindo para a formação de uma visão holística acerca dos diferentes fenômenos, ou seja, da noção de que a fragmentação do conhecimento talvez não seja a maneira mais adequada para propor soluções para os diferentes problemas que afligem a vida social e que, portanto, necessitam de uma mobilização de diferentes conhecimentos produzidos/apreendidos. Nesse sentido, o projeto mostrou-se essencial para a compreensão, por parte dos educandos, das inter-relações entre o ser humano e o ambiente, bem como suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas, sem perder de vista as relações de poder que permeiam a vida em sociedade.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.24, n.68, p.103-119, 2010.

_____; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Fundação Ford. 2004.

FOLADORI, G. Marxismo e meio ambiente. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n.25, p.82-92, abr. 1999.

GOMES, M. Produção do espaço, valorização diferencial do solo e desigualdade socioespacial urbana em Ribeirão Preto – SP. **Revista Geografar**. Curitiba, v.6, n.2, p. 58-76, dez/2011.

HERNANDÉZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**. Porto Alegre: Autmed, 1998.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto>, acesso em 07 de Agosto de 2019

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajatórias e fundamentos da educação ambiental**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

THIESEN, J. A interdisciplinaridade como um movimento de articulação no processo de ensino-aprendizagem. **PerCursos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 87-102, jan. / jun. 2007

Anexos – Figuras

Figura 1- Fotografia produzida por educando representando o lixo em seu bairro.



Figura 2- Fotografia produzida por educando representando o lixo em seu bairro.



Figura 3- Fotografia produzida por educando enfocando o estado da rua de sua casa.



Figura 4 – O Edifício Meira Júnior (Choperia Pinguim). Fotografia em *Pinhole* produzida pelos educandos.



Figura 5 – Prédio da área central de Ribeirão Preto. Fotografia em *Pinhole* produzida pelos educandos.



Figura 6 – O Theatro Pedro II. Fotografia em *Pinhole* produzida pelos educandos.

